

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest	Trim.	N.º	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 597	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,5800	1,8900	5950	5120	25 DE JULHO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,5000	2,2500	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,6000	2,8500	—	—		



MENINOS DO CÔRO



## CHRONICA OCCIDENTAL

Essas, sim, foram verdadeiras festas.

Um telegramma em letras d'oiro sobre fundo azul, collado transversalmente sobre o cartaz, annunciou ao povo de Lisboa que *Elle* ia chegar.

E tanto bastou para que a cidade tomasse um novo aspecto para que andasse no ar uma alegria estranha.

Dois dias depois, Guerrita viria mais uma vez á Praça do Campo Pequeno erguer n'um enthusiasmo, que nós portugueses só ali podemos ter, todos os que, apenas com um bocadinho de pão no buxo, conhecem o enorme prazer de gastar os ultimos vintens da feria applaudindo o que a arte e a coragem ensinaram de mais bello e heroico ao maior dos toireiros do mundo.

Não contam memorias de vivos nem resam chronicas de mortos que houvesse feito em toda a vida outro mestre o que Guerrita n'uma só tarde.

Com a capa, com a muleta, com as bandarilhas, pondo o boi em sorte, fazendo lhe um quite, preparando-o para a morte, á meia volta, nos quartes, nos quiebrós, entrando com valor, sahindo com arte, chega a parecer ás vezes que ha ali qualquer poder misterioso superior á tauromachia, que o protege, que o encaminha. O toiro investe, Guerrita faz-lhe um signal, o boi parou.

Vê-se o estontamento do animal deante d'aquelle farrapo vermelho, que o procura, que lhe está sempre adeante dos olhos, que o persegue como um sonho máo, que o desespera, que o enguiaça, sempre ao pé d'elle, incitando-o, insultando-o, arreliando o, fugindo lhe sempre, ora para um lado, ora para outro, ora por cima, ora por baixo, que elle tenta esfrangalhar com as hastes, já sem saber como, offegante, exausto, buscando-o sempre, sempre a vel o fugir, até que, como Tantaló desiste de comer, elle, o triste condemnado a boi, desiste de marrar.

A grande perfeição do trabalho de Guerrita está na simplicidade dos meios, o grande ideal em arte. É simples como um japonéz em malabares, como os nossos velhos chronistas escrevendo, como um syllogismo d'orçamentólogo. O extraordinariamente difficil parecendo nas mãos de toda a gente.

Dizia no outro dia um francez, que nunca vira toiros e se admirava muito dos nossos applausos: — Tambem vou fazer aquillo, se me derem um boi ensinadinho como aquelle.

A festa que nos embriaga, a arte que nos deslumbra, a valentia que nos enthusiasma, tudo o que n'uma toirada d'aquellas nos faz vibrar os nervos e girar com mais vigor o sangue nas veias, acorda dentro de nós almas novas, tão differentes d'essas que por ahi se arrastam dentro de corpos anemicos, sem nervos, sem musculo, penteadinhas como elles e até talvez, como as veremos no dia de Juizo, enforcadas em coleirinhos altos e de botas de bico revirado. É unicamente a grandiosidade do espectáculo que nos transforma, máo grado, grite contra a facil therapeutica o código d'uma seccandissima civilização brandido por mãos de pedantes em nome dos mais prud'hommescos principios.

Uma coisa que ainda me faz acreditar nos meus patricios é que em portuguez ter alma significa ser valente e é que as regiões onde o medo se encaixa põem-as muito longe do coração.

A coragem onde ella seja necessaria é uma virtude digna de premio e não faltam, graças a Deus, em Portugal homens que todos os dias a bordo dos salva-vidas, nas escadas dos incendios, ante as balas dos negros d'Africa, por philantropia, por dever, por amor da patria, expõem a vida e não empalidecem ante a visão d'uma morte quantas vezes ingloria. Quer isso dizer que o ser um homem arrojado só para ser arrojado, como quem faz arte pela arte, sem a minima idéa d'um dever, de que isso possa servir para alguém ou para alguma coisa, não é digno de premio, que mais não seja senão pelo exemplo que dá aos outros? Pois não será verdade que um homem, que bate as palmas adeante d'um boi só para ter a satisfação de se sentir valente, correrá com animo igual para as ondas, para o incendio ou para as balas? Não invoquem portanto a inutilidade do heroismo e lembremo-nos de que a apregoada prudencia é muita vez a mascara hypocrita do medo, uma vir-

tude, sim, mas como diz o Urbano de Castro, uma virtude de capote e lenço.

E o sol entorna luz, jorra alegria. É preciso que elle tome parte na festa, para que a festa seja completa.

As bancadas vão-se enchendo. As bandas tocam marchas alegres; as notas vibrantes dos instrumentos de metal espalham-se pelo ar doirado. Cresce a animação, sente-se a vida. Acui, além, na multidão, destacam-se cintas vermelhas, barretes verdes, lenços claros de mulher.

Dentro do curro ouve-se, de quando em quando, o tocar lento dos chocalhos dos cabrestos pacientes e depois uma guisalhada repentina, curta. É o boi de guia a sacudir uma mosca.

—São horas! grita um do lado do sol. É mentira, o administrador ainda não chegou. É uma inferneira de apitos desafinados, impacientes, cobre por momentos as ultimas notas da symphonia.

Conversa-se d'um lado para o outro da praça. Os ditos cruzam-se. Uma mulher alegre, corada pelo sol, põe-se de pé, chamando para longe.

—Ó Arthur! O Arthur!... Viste o Chico? Enchem-se os camarotes. Ellas muito alegres, todas de toilettes claras, animadas. Elles atraz muito serios, de chapéu de palha.

E os que chegam mais tarde, inquietos pelo logar, atarantados, a ler dez vezes o talão do bilhete, vão subindo as escadas, saltando por sobre os joelhos dos outros. Com licença. Tenha paciencia.

—Ó Silva! Ó Silva! Que é do Chico? Homens vestidos de linho atravessam a praça correndo. Os da agua apregoam.

—São horas!... É um berreiro enorme. Pateada. Apitos. Chegou o administrador. Tocou o cornetim. O Botas grave, senta-se, cheio de opinião.

E sobre os doirados das jaquetas, sobre as capas bordadas, sobre o velludo dos cavalleiros e as plumas multicores dos cavallos, o sol despeja com mais fulgor as suas palhetas d'oiro. A atmospherá quente, estremece, remeche-se em ondas, entra nos pulmões, sóbe ás cabeças como um vinho novo.

Estoiram applausos. Formam-se partidos. Bravo, Guerrita! É elle que vai atravessando a praça para levar a farpa ao cavalleiro.

—Ó Mendonça!... Mendonça!... Diabo do Mendonça que não ouve!

—Onde? —Ali de chapéu á Mazantini. —Ó Mendonça!... O Chico?

E durante toda a tarde, até que o ultimo raio de sol desaparece na flamula sobre a entrada dos cavalleiros, aos cavalleiros, aos capinhas, aos forcados, a elle sobretudo ao Guerrita, as ovações succedem-se, ovações enthusiasmaticas, expontaneas, quentes, em que todas tomam parte, commovidos por um só manipulador electrico, todos de pé, sobre as bancadas, batendo palmas, sacudindo lenços, deitando chapéus á praça, enquanto as musicas tocam, todos gritando, todos esbracejando, todos contentes, todos alegres, fraternizando todos n'aquelle delirio de poder dizer a um homem:— Es um valente!

—Sentados! Sentados! E a toirada segue e o enthusiasmo cresce. —Ó Fonsequinha!... Fonsequinha!... Onde diabo está o Chico?

E, de quando em quando, a assobiadela. —Fóra! Fóra!

—Pr'a charru... u... a! E as piadas succedem-se. Ha as boas coroadas por uma gargalhada que parece um trovão, as sem-saboronas que dão vontade de bater.

—Cala a bocca, bruto! E ella inquieta. Já lá vai o intervalo e nada!

—Ó Russo!... Tu não me dirás do Chico? Está se correndo o ultimo boi. Começa a debandada. São os que querem apanhar o comboio, o americano, os que querem ir espreitar á porta dos camarotes, e que querem observar a longa fila das carruagens.

E a animação ainda continua com as harmonias nas cordas d'um bom piano, por aquella tarde fora e pela noite adeante.

As carruagens vão seguindo umas atraz das outras, os véos claros das mulheres esvoaçam na brisa da tarde, grita-se ainda d'umas carruagens para as outras, ainda ha vida n'aquelles corações, ainda ha sol n'aquellas cabeças. Ainda á passagem do Guerrita na carruagem do Barral ha palmas cá fóra. Cavalleiros galopam, policias correm. Um resto de sol brinca nas nuvens muito altas.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### MENINOS DO CÔRO

A gravura que publicamos na primeira pagina com o titulo acima, é a reproducção de uma bella esculptura ca.alã, inspirada n'um assumpto que se encontra em todas as grandes cathedraes do mundo catholico onde ha côro permanente para todas as ceremonias do culto christão, conforme o rytho romano.

Entre nós a instituição dos meninos do côro é tão antiga como a Sé de Lisboa, cuja origem data da fundação da monarchia, e o nosso thaumaturgo Santo Antonio foi menino do côro, deixando na Sé lisbonense tão gloriosa memoria da sua passagem, que ainda hoje é, e por todos os seculos será venerada a imagem do milagroso Santo sob a invocação de menino do côro, celebrando-se todos os annos uma festividade em sua honra, promovida e a expensas dos meninos do côro.

Para isso elles tem a sua irmandade, que se apresenta nas solemnidades religiosas de cruz alçada, tal como se vê na nossa gravura.

O grupo é muito bem composto e a esculptura primorosa.

### A EXPOSIÇÃO D'ARTE SACRA ORNAMENTAL

Fez parte do programma das festas do centenario de Santo Antonio, uma exposição d'arte sacra, a qual se installou no edificio do Museu Nacional de Bellas Artes, ás Janellas Verdes.

Este edificio, de que publicamos em gravura a vista exterior, é um dos antigos palacios dos srs. marquezes de Pombal, e que o governo alugou em 1881, pelo praso de 30 annos.

Foi em umas determinadas salas d'este palacio que se installou a exposição d'arte sacra, para a qual vieram alfayas, paramentos e outras peças do culto, de extinctos conventos, e egrejas de toda o reino, em grande numero e de alto valor intriseco e artistico.

Entre esses objectos conta-se o baculo do Bispo d'Evora obra d'arte de grande valor do seculo xvi, e obra portugueza, segundo parece, sendo de rara elegancia a parte superior do baculo, como se vê da gravura, todo rendilhado e guarnecido de pequenas estatuetas de apostolos e prophetas sob a arcaria gothica, vendo-se uma pequena imagem de Nossa Senhora, no meio da voluta ou crossa do baculo.

São muitas as pedras preciosas engastadas n'este primoroso baculo, como a nossa gravura deixa vêr, sendo ametystas, crysolitas, esmeraldas, rubis, etc.

Outra gravura ainda publicamos de um relicario, tambem do seculo xvi, de prata e de 0,56 de altura com o peso de 4 kilogrammas. É um verdadeiro primor d'arte este relicario ou porta-paz. Na parte inferior e em forma de medalhão, vê-se em alto relevo a Virgem e o Menino Jesus. Em os nichos dos lados, figuras de Apostolos e Doutores da Igreja, sendo a figura do Padre Eterno a que remata esta bella peça d'arte.

Não se sabe ao certo qual a proveniencia d'este relicario, que hoje faz parte do Museu Nacional de Bellas Artes.

No grupo que encima a pag. 165 estão reunidas muitas das preciosidades que se vêem n'esta exposição, a respeito da qual os nossos leitores encontram em outro logar d'este periodico, um bello artigo, devido ao nosso esclarecido collaborador e amigo sr. Gabriel Pereira, em que, com a competencia que todos lhe reconhecem, aprecia em breves linhas a exposição d'arte sacra.

### LANÇAMENTO AO MAR DA CANHONEIRA «D. LUIZ»

Em todos os arsenaes e estaleiros do mundo é sempre um grande acontecimento, acompanhado de regosijo e festas, o lançamento de qualquer navio ao mar, augmentando o contentamento e a satisfação geral, quando o lançamento é coroado de bom resultado, isto é, quando o navio entrou na agua perfeitamente, sem inconveniente ou desastres, como, intelizmente, ás vezes acontece.

Entre nós o lançamento de um navio ao mar, e

no nosso arsenal de marinha, torna-se um acontecimento da mais alta importância, se, principalmente, se attender a que só em cada lustro esse acontecimento tem lugar, quando ainda o espaço de tempo decorrido entre cada lançamento não é superior a dez annos.

E entretanto os nossos arsenaes foram dos primeiros onde se construíram navios de alto bordo, e os estrangeiros aqui vieram aprender a construir esses navios, assim como aprenderam com os portuguezes a devassar os mares.

Mas vão longe esses tempos e a marinha portugueza, que foi a primeira do mundo, entrou em decadencia depois do primeiro quartel d'este seculo, e pela mais insensata administração dos governos do nosso paiz, assim se conserva, tendo-se emprehendido em Portugal tantos melhoramentos materiaes, sem que as vistas complacentes dos governos se tenham dirigido para a marinha, hoje o principal apoio da nossa autonomia, visto que somos uma potencia colonial e precisamos manter e desenvolver as nossas colonias, garantia do futuro de Portugal.

Contentemo-nos pois com o termos de annos a annos de celebrar o lançamento ao mar de uma modesta canhoneira, supremo esforço a que chegam os governos d'este paiz, depois de bascularem algumas mialhas, sobras dos muitos esperdícios que distingue a publica administração.

Foi no dia 22 de junho que teve lugar o lançamento da nova canhoneira *D. Luiz*. Lisboa estava em festa, pois que este acontecimento coincidiu com as festas do centenário antonino, e este facto deu-lhe tanto maior brilho, quanto Lisboa estava cheia de forasteiros, que concorreram ao arsenal a assistirem áquella festa marítima, acrescentando ainda os que, em grande numero de pequenos barcos presenciaram do mar a entrada da nova canhoneira n'água.

A 1 hora da tarde, apesar da ardencia do sol, a custo se rompia por entre a multidão. A esta hora achavam-se já nas salas da inspecção os srs. ministro da marinha, contra-almirante Pedroso, todo o conselho do almirantado, commandantes e officiaes dos dois navios de guerra russo e hespanhol surtos no Tejo, directores dos serviços fabris e marítimos do arsenal, chefes das quatro secções dos serviços fabris, contra-almirantes Sampaio e Ferreira Marques; capitães de mar e guerra Sergio de Sousa, Carlos Costa Valadim Capello e Lopes de Andrade, capitães de fragata Castilho, Botto, Antonio Maria Cardoso, Vianna e muitos outros officiaes.

Em baixo, perto da varanda que circumda a casa da inspecção, sentadas em cadeiras, grande numero de senhoras das familias dos officiaes.

A este tempo já tinha chegado uma força de 80 praças do corpo de marinheiros, com a respectiva charanga, sob o commando do 1.º tenente José Carlos Lima, a qual formou a um dos lados da canhoneira *D. Luiz*, dando a direita á inspecção.

As ultimas escoras já tinham sido tiradas, e a carreira estava convenientemente ensebada.

Estava, pois, tudo prompto á primeira voz.

Aguardava-se a chegada da familia real.

A hora da maré ás 2 e meia, pela lua, mas antecipou-se em consequencia do vento leste dominante, como se retardaria se o vento fosse oeste.

Assim, como a maré começasse a descer ás 2 e um quarto ou antes, e com maior força da margem do arsenal, as auctoridades technicas representaram ao sr. ministro da marinha, fazendo-lhe ver que não podia demorar se o lançamento, não porque faltasse agua na carreira devidamente dragada, mas porque a influencia da corrente podia lançar o navio para um dos lados e fazel o encalhar na sua corrida.

Urgindo, por isso, tomar uma decisão, no sentido de a diaz o lançamento o sr. ministro resolveu, ouvido ali mesmo o conselho do almirantado, mandar proceder ao lançamento.

O lançamento teve lugar ás 2 horas e 24 minutos; horas do balão, já com maré descendente, felizmente com pouca força.

Para isso, dirigiu-se o inspector do arsenal para a carreira, onde já se achava o sr. engenheiro constructor Cassiano Marques. Logo que estes dois officiaes ali chegaram, o patrão-mór que se achava junto do *yacht*, deu ordem de prevenção. Neste momento o sr. Rosiers da officina de carpinteiros de machado, bradou: — Larga!

Ao mesmo tempo o sr. engenheiro constructor Cassiano largou os pegos que prendiam a canhoneira.

Então a *D. Luiz* deslisou serena e veloz pela carreira, entrando n'água no meio de uma grande salva de palmas, ao som do hymno real, ao mesmo tempo que a força de marinheiros apresentava armas.

A canhoneira entrou na agua sem o minimo inconveniente

No Tejo achava-se um vapor do arsenal que robocou a canhoneira até á boia, onde amarrou ás 2 horas e 35 minutos.

Pouco depois, ás 2 horas e 40 minutos, chegou ao arsenal el-rei D. Carlos, acompanhado das rainhas sr.ª D. Amelia, e sr.ª D. Maria Pia, presidente do conselho, ministros dos estrangeiros e da guerra, vindo todos da abertura da exposição da Arte Sacra.

A familia real foi recebida pelo sr. ministro da marinha e officialidade da armada, subindo em seguida á sala da superintendencia, onde esteve examinando o modelo da canhoneira *D. Luiz* e os planos do mesmo barco, que, como se sabe, são originaes portuguezes.

Seguidamente dirigiram-se á varanda da sala e d'ali estiveram vendo a canhoneira, que a este tempo já estava amarrada á boia. Nesta occasião o sr. ministro da marinha explicou ao sr. D. Carlos e a sua familia quaes as razões que o obrigaram a fazer o lançamento da canhoneira sem a sua presença.

Quando a canhoneira *D. Luiz* entrou no Tejo a fragata *D. Fernando* deu uma salva de 21 tiros.

Os navios de guerra estiveram todos embandeirados.

Foi em 4 de março de 1890 que o actual rei bateu a cavilha d'este navio, já então com toda a madeira da ossada prompta e assente sobre a quilha.

A *D. Luiz* mede entre as perpendiculares 45<sup>m</sup>.90 por 8<sup>m</sup>.34 de bocca na sua maior largura e 4<sup>m</sup>.70 de pontal até ao convéz.

O seu deslocamento é de 721 toneladas e a sua velocidade deve ser de 11 milhas.

Ao centro do navio ficam a machina e depositos do carvão. Na parte da ré fica o alojamento dos officiaes, praça d'armas, camarotes, salão para fumar, etc. Sobre o convéz, também á ré, acham-se os aposentos do commandante e casa de banho. A proa tem castello para serviço de manobras.

A machina, que é da força de 600 cavallos, é de systema Compound com caldeiras cylindricas, e foi construida, assim como o casco da canhoneira, no arsenal.

O seu armamento constará de quatro peças Krupp com reparos de pião, montados em reducos salientes ao costado. Sobre o castello uma peça de tiro rapido, Kotekiss de 65 millimetros, montada em cremoline, e no tombadilho uma metralhadora Maxim Nordenfeldt e um canhão revolver, correspondendo o peso de todo este armamento a 14 toneladas, incluindo os reparos.

A canhoneira póde apparelhar a lugre-barca, com a mastreação sufficientemente desenvolvida para navegar á véla.

Todos estes trabalhos foram executados debaixo das ordens dos srs. engenheiro inspector Antonio Cassiano Marques, machinista chefe Antonio Maria Martins e José Joaquim dos Prazeres mestre dos carpinteiros de construcção naval cujas aptidões são de ha muito conhecidas.

## EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA ORNAMENTAL

Em 1881 o *South Kensington Museum*, de Londres, celebrou nas suas galerias uma exposição de arte ornamental portugueza e hespanhola. Nesta exposição figuraram objectos pertencentes ao Museu, os provenientes de collecções particulares inglezas e francezas, e os enviados pelos governos portuguez e hespanhol.

Temos sido muito explorados; a incuria e a ignorancia tem-nos devastado, mas felizmente ainda nos restam muitas joias e primores.

O resultado da exposição foi extraordinario. Publicou-se um bello catalogo *Catalogue of the special loan exhibition of Spanish and Portuguese ornamental art*; acompanhado de uma larga introdução, cheia de noções, pelo sr. Riano, que de ha muito devia ter sido traduzida e vulgarizada em Portugal, porque a historia da nossa arte segue, como é natural, parallelamente á hespanhola.

Da exposição do *South Kensington* resultou, muito ampliada em objectos portuguezes, a das Janellas Verdes, que nos lezou o *Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva da arte ornamental portugueza e hespanhola, celebrada em Lisboa, em 1882*.

Foi uma revelação para nós, para o grande publico portuguez que infelizmente não tem seguido os salutareos conselhos do bom Gaspar Estaço, recommendando o estudo dos factos do paiz: *para não sermos estranhos nas cousas de casa, e peregrinos na propria patria*.

E pegou a moda; vieram as bellas exposições

do Porto, Coimbra, Aveiro, Evora (Estud. Ebor. n.º 25), altamente significativas, e ainda ha pouco se abriu a de Ponta Delgada, onde a arte tem largo quinhão.

Com o catalogo da Exposição de Lisboa, em 1882, devemos mencionar as cartas do dr. A. F. Simões, e a collecção de photographias de Carlos Relvas, resultantes da Exposição, que tem sido fontes de estudo, bases de investigação e comparação.

Como se vê o exemplo foi bom, e vejo probabilidades de que d'ora ávante uma exposição d'arte seja numero obrigado em festas de civilisação.

Para celebrar o 7.º centenario do grande santo portuguez, S. Antonio de Lisboa (em Padua dizem simplesmente *il Santo*), determinou a Commissão fazer uma exposição de arte sacra, que é uma maravilha. Parece-me quasi um milagre, talvez do *santo*, como se tem salvado tanta cousa n'este paiz: mais que advogado das cousas perdidas me parece empenhado em não as deixar perder. Na exposição de 1882 a arte sacra tinha um grande logar; agora porem appareceram elementos que faltaram então, especialmente em tapeçarias.

Manifestamente o clero tem sido um bom conservador, a arte nacional deve-lhe bem singulares serviços; elle salvou todos esses primores de trabalho nos armarios fundos, nos arcazes de grandes gavetões das suas officinas. Antigamente o clero foi o grande protector da arte; elle encomendava e comprava todas essas alfaias e paramentos, pinturas e bordados; agora já lhe devemos agradecer o ser bom conservador. Porque infelizmente nos tempos modernos o clero não tem o mesmo amor, a antiga paixão pela arte; a orientação do bello perdeu-se nas parochias e nas sés.

Acabaram os dizimos, estão cerceados os bens dos cabidos, das mezias, das confrarias, das mitras, escasseam as grossas de missas, e as fartas doações! não é resposta sufficiente. Se não podem fazer os retratos dos doze apóstolos n'um anno, retrata-se um apenas por anno. É que falta o espirito artistico religioso. Então não gastam dinheiro em oleographias de côres garridas, e em ramos de flores de latinha?

Por essas egrejas ha imagens rodeadas de borboletas de papel seda vincado, uma praga, e vi ainda não ha muito n'uma egreja de Lisboa um pobre Senhor dos Passos com o seu andor ornamentado de marcas de *cotillon* entre ramos de flores fanadas. Offensivo para pessoas de gosto um tanto educado, mas afinado, diga-se a verdade, com os carrilhões das torres que executam musicas salerosas de operetas triviaes.

A exposição de arte sacra é opulenta em alguns ramos, mas muito desigual; a collecção dos tecidos é maravilhosa; que sedas, lhamas, damascos, chamalotes e brocados, que bordados, que applicações, que bem feitas combinações de matizes, de tons! Só a collecção de tecidos do seculo XVI é um prodigio. Infelizmente está mal disposta; sem ordem e sem gosto; deslumbra porque ella em si é admiravel, mas ha peças de 3.ª e 4.ª ordem a tapar preciosidades.

A esses bordados e tecidos prodigiosos, de fino: tons, do seculo XVI (muitos do começo do seculo XVI, e alguns talvez dos fins do seculo XV), de Braga, Evora, etc., vem agrupar se dois elementos de 1.ª ordem, do seculo XVIII, que difficilmente encontrarão rivaes no mundo, os paramentos de Mafra, e os da capella de S. João Baptista, da egreja de S. Roque. Só a exposição d'esta ultima com a sua banquetta, altar, e alfaias constitue uma atracção singular.

Na exposição ha peças de alto merecimento em qualquer parte, a cruz de D. Sancho, a cruz de Villa Viçosa, o calice e o baculo da sé de Evora, o quadro bysantino e o triptico de esmalte de Limoges, da Bibliotheca da mesma cidade, a custodia dos Jeronymos, são peças que occupariam logares de honra nos grandes museus estrangeiros. Os esmaltes, quadros, cofres, chapas esmaltadas constituem aqui uma collecção importante, mas está toda dispersa.

Ha na exposição cofres do seculo XIII, bem conservados, esmaltes hespanhoes e francezes, de typo bem marcado, de diferentes epochas.

Alguns relicarios, o de Arouca por exemplo são objectos d'arte que pedem estudo. Pela primeira vez se vê em Lisboa uma collecção de pintura, ali estão quadros da Madre Deus, da sé de Vizeu e de Fontelo; alguns expostos bem infelizmente; os da Madre de Deus que são taboas pintadas de ambos os lados, encostados á parede, de modo que só se vê um lado da questão.

A confusão que dominou na exposição de 1882 está ainda aggravada na actual. É preciso, é urgente photographar tudo isso, para que fique al-

guma cousa util d'este esforço. Ha tambem aqui falta de amor, de devoção, como base da desordem, da absoluta carencia de indicações.

O catalogo redigido pelo sr. Ramalho Ortigão (Catalogo da Sala de Sua Magestade El-Rei) é para mim um documento, uma prova de que até para trabalhos de modesta inventariação é preciso amor. O critico, o estylista brilhante, o litterato imaginoso ficou dominado pelo objecto d'arte, encantado nos problemas de escolas, epochas, processos de execução. O seu *Gemuth* um tanto mosqueado de ironias e desfallecimentos transformou-se em doçura, quasi em prece, ao folhear vagarosa, attenta, criticamente um maravilhoso livro de horas, serie de finas illuminuras, variadas nos assumptos, de diversas mãos, ligadas todavia por uma só poesia, banhadas por um só luzeiro, a

a rainha D. Urraca, esposa de D. Affonso II. Esta enviou frei Zacharias á cunhada d'ella, a Infanta D. Sarcha, a qual para elle e para goso de minoritas edificou a egrejas e conventos em Alemquer, em Coimbra e em Guimarães,

Quando em 1213 S. Francisco convocou e reuniu capitulo universal da sua Ordem, ali determinou mandar de novo missões franciscanas por todo o mundo, e mormente por todas as terras mussulmanas. O proprio S. Francisco emocionado pelos acontecimentos da Terra Santa, pelas coisas do cerco de Damiéta onde então estavam os exercitos da quinta cruzada, foi a esta cidade no intuito de converter Melik-Kamel, ou de dar a vida pela fé. Vêr se com paavras de paz podia fazer o que os cruzados intentavam levar ao cabo com sangrencias de guerra.

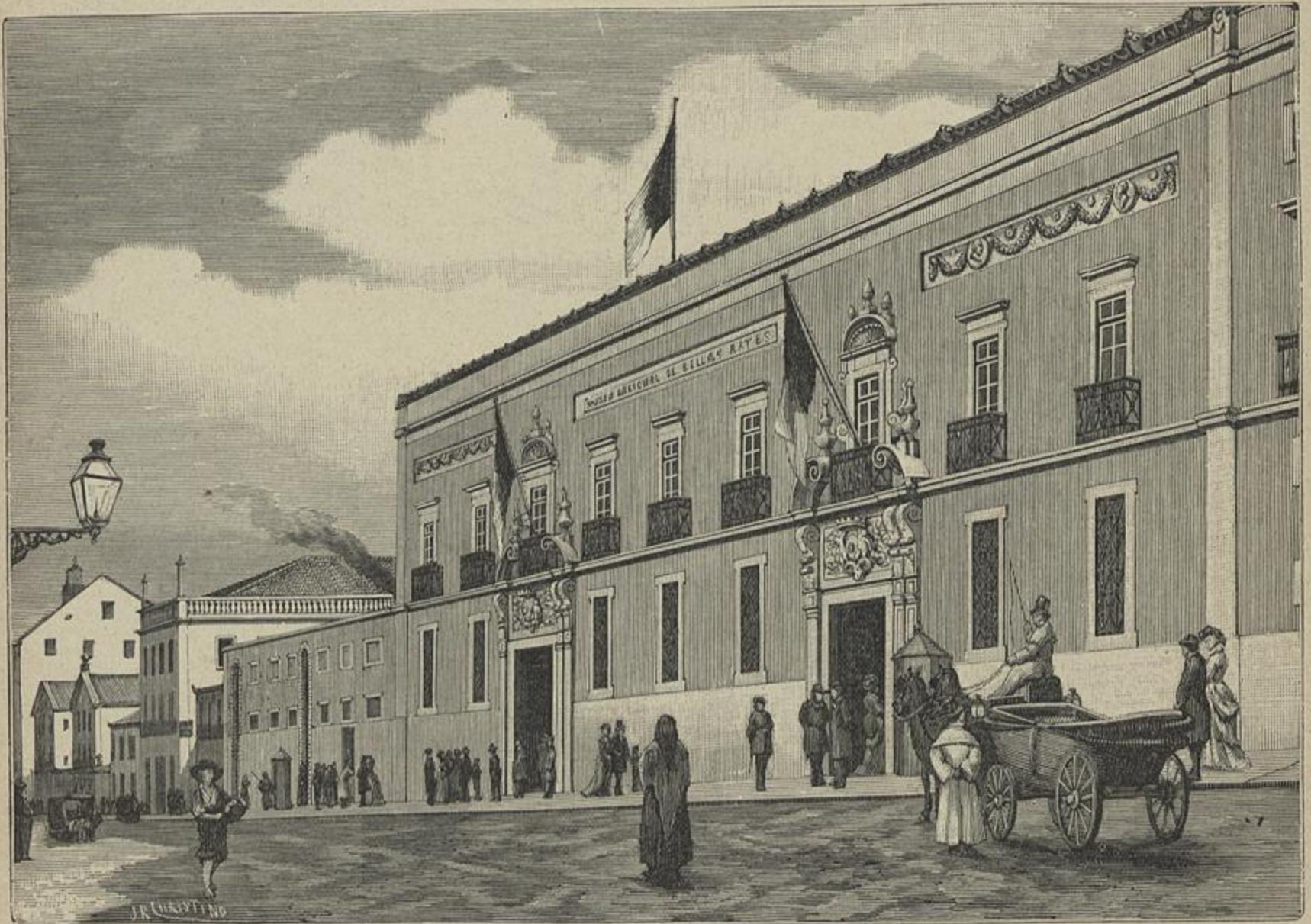
havida como desvelada protectora dos franciscanos. D. Sancha recebeu-os em Alemquer, onde se agasalharam no respectivo convento.

Dizem as chronicas minoritas que a piedosa infanta convencera os missionarios de que se vestissem á secular afim de melhor chegarem a Marrocos. <sup>1</sup>

Sabido é que algumas das missões identicas anteriormente intentadas foram até prohibidas por alguns principes sagrados e profanos á conta de improficuas para Deus e malquistantes para os homens.

Pelo que ordens expressas foram dadas para que nas embarcações da frota mouresca se não recebessem missionarios; já pelo amor d'elles, já pelo fim de evitar que os mussulmanos os tomassem como provocações, e assim victimassem todos os navegantes.

## VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES—ONDE ESTÁ A EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA

(Desenhos do Sr. J. R. Christino)

velha e boa patria. E elle começou a descrever carinhosamente as joias, possuido do encanto na evocação do antigo; da obra d'arte, do estylo... á essencia da alma nacional. Aqui é que está a força dominadora da arte. Ha primores que são ventanas de zimbórios abertas para o insondavel por sobre casarias de cidade e asperezas do terreno; a custodia do Jeronymos atira-nos de subito a alma para o momento maximo da gloria portueza.

Gabriel Pereira.

### SANTO ANTONIO

III

(Continuado do n.º 594)

Em 1217 chegou á côrte portueza frei Zacharias, franciscano, que foi muito bem recebido por

Diga-se de passagem que Melik Kamel recebeu docemente a S. Francisco, e... mandou-o em paz. (a).

Mas os frades destinados á Missão Marroquina tiraram da respectiva missão resultado mui diverso!...

Estes para melhor chegarem ao seu fim vieram a Hespanha e de lá a Portugal por lhes parecer que poderiam em qualquer d'estas nações encontrar melhor ensejo de transporte para a Africa. Foram cá muito bem recebidos por a devota rainha D. Urraca, que, de Coimbra onde então ella estava, os enviou para sua cunhada, já então tida e

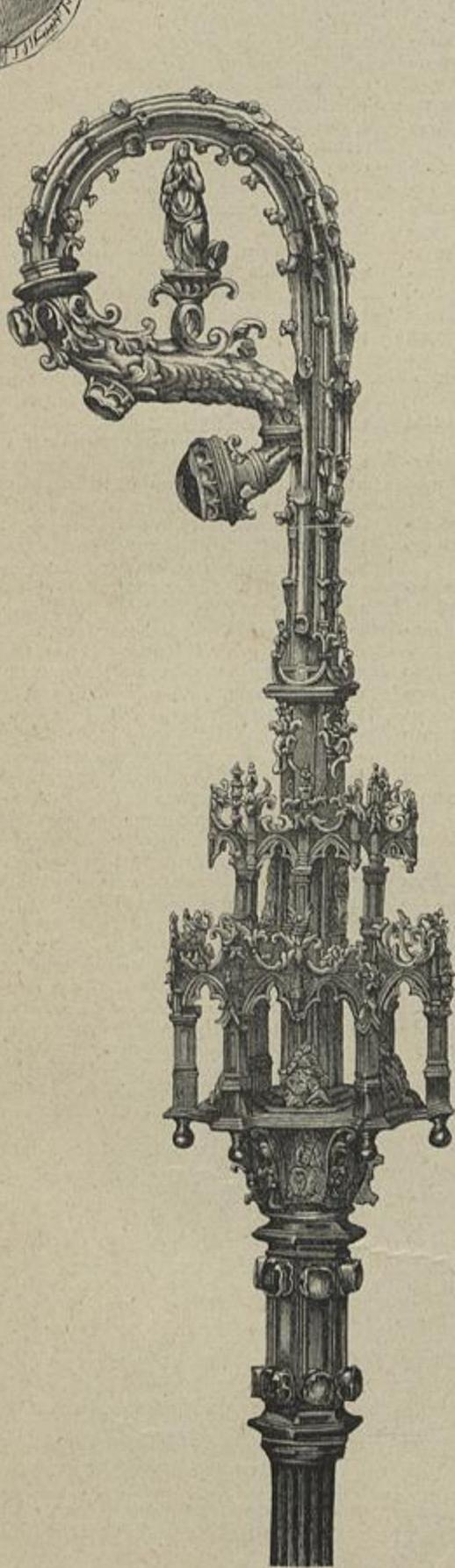
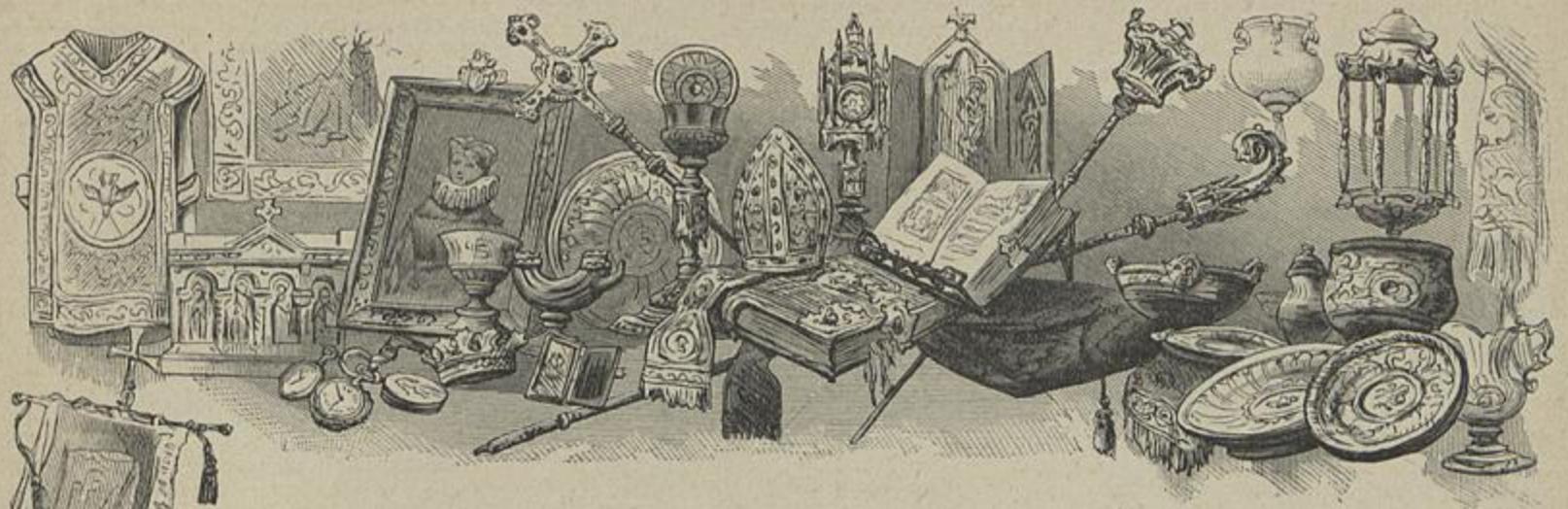
Passemos por alto os factos que se deram em Sevilha, para onde foram de Alemquer os missionarios. Diga-se apenas que encontraram ali modo de fazer-se transportar a Marrocos por intervenção de D. Pedro de Castro, filho do famoso guerrilheiro D. Fernando de Castro, que se fôra para os mouros a fim de vingarse do rei de Castella, que o havia posposto aos Laras.

No assedio de Alanguer, vencido pelo rei de

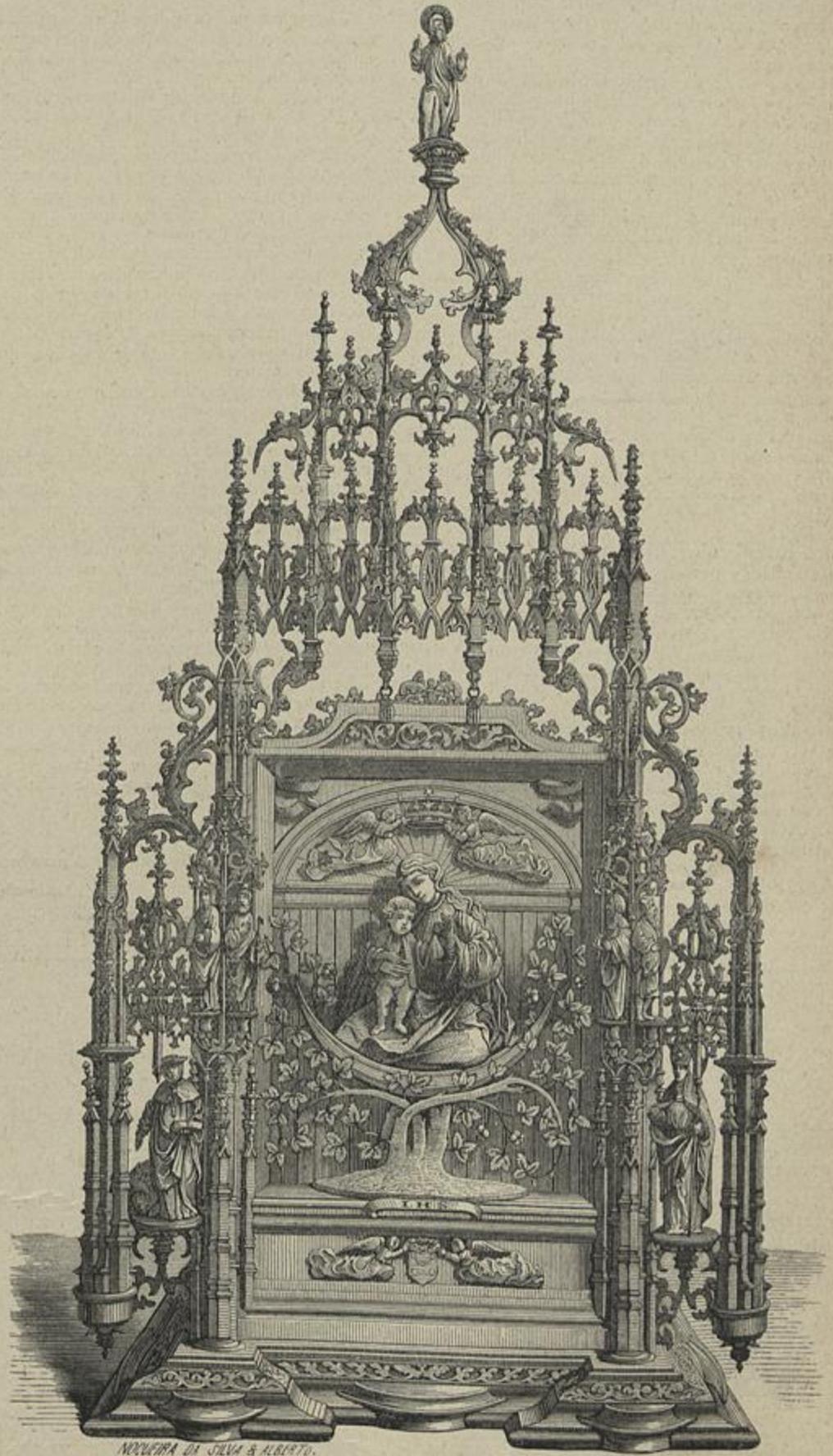
<sup>1</sup> Chamavam-se Vital, de Algesira, Bernardo de Corbio, Pedro de S. Geminiano, Otto, Adjuto, e Accursio os seus missionarios; dos quaes ficou no Aragão frei Vital por ali ter adoecido gravemente. Este como tivesse o cargo de Prelado da missão não quizesse delongal-a mais, substableceu o seu cargo em frei Bernardo, e mandou que os companheiros proseguissem logo. N. B. Este frei Accursio seria filho do celebre jurisconsulto Accursio?... Os chronicistas e criticos historicos Italianos cuidam que o fosse.

a) Como a S. Francisco já Abderraman 3.º grande califa de Cordova, tinha mandado em paz a S. João de Gorze, que lá fora no intuito de o converter, e aos seus subditos, ao christianismo, segundo diz um chronista contemporaneo.—

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



BACULO DO BISPO DE EVORA



NOVA DA SILVA & ALBERTO.

UM RELICARIO

A EXPOSIÇÃO D'ARTE SACRA ORNAMENTAL

Leão e por este resolvido a ser seu aliado contra o de Castella, casou com uma filha do predicto rei de Leão. D'este casamento nasceu D. Pedro de Castro. Assim diz Mariana: *De rebus Hispaniae*, bib. ix, c. 15. (c).

Marrocos era então ainda, apesar dos estragos das guerras civis, uma cidade *amplissima e celeberrima a par das melhores do mundo*, diz a lenda bolandista. Reinava ali o joven Abu-Jacob, um arcadiaco e pueril sibarita, que deixava por mãos extranhas todas as coisas da governação.

N'esta cõrte vivia D. Pedro de Castro, que tinha seguido os exemplos do pae por identicas causas, indo para os mouros, batendo-se por elles contra Castella, e fazendo com que Jacob-Almansor ganhasse a batalha de Alarcos. (c).

Como é que este homem, tão pouco escrupuloso em patriotismo e em religião toma a seu cargo a conducção e protecção dos missionarios franciscanos até os collocar sob o agasalho de um outro emigrado, o Infante D. Pedro, de Portugal, irmão do rei D. Affonso II? O infante predicto tinha em Marrocos palacio sumptuoso, e cõrte esplendida.

Uma vez em Marrocos dizem as franciscanas chronicas largas narrações da presistencia, e dos milagres, e dos martyrios dos cinco intemeratos franciscanos.

E assim devia de ser attento o effeito que a fama de tudo isso produziu no animo de Santo Antonio, que, pela presença das reliquias d'elles enternecido, e por tanta fama suggestionado, logo deixa os arminhos e as glorias scientificas dos agostinianos pelo burel e humildades dos franciscanos.

E ahi o temos no pobrissimo cenobio de Santo Antonio—dos Oliveiras como ora se lhe chama.

O Infante, que tantos esforços invidou para livrar da morte os missionarios audazes, já que o não poude conseguir, quiz ao menos salvar lhes os cadaveres—reliquias preciosas—da furia barbara dos mouros. E, com dinheiro e com valimentos, conseguiu que lh'os entregassem. Feito o que propoz se logo trazel-os a Portugal. E n'isso foi não só muito bom christão, mas até muito melhor politico. Soube aproveitar tão bom ensejo de ser bem recebido pelo malquistado rei seu irmão, e pela abandonada patria.

Que elle, o rei seu irmão, não andava muito em cheiro de santidade...

Farto de ver monges aváros, tinha-lhes ido aos cofres:

Fartissimo de ver perguçosos gosantes de confortabilidades conventuaes em quanto elle e outros labutavam sangrentamente pela patria, tinha-os obrigado ao serviço militar.

No entretanto vencido pelo enthusiasmo geral, e pela influencia da rainha e da infanta D. Sancha, recebeu com devota pompa as santas reliquias, e com fraterno amplexo o transviado irmão.

No firme proposito de ir missionar a Marrocos, de ser martyr de Marrocos, de ser apostolo de Mourama, de ser o que elle edeava quando, como atraz foi dito, se revia nas virtudes e proficiencia christã dos grandes santos, entrou o nosso Santo no cenobio franciscano.

Ao despedir-se dos de Santa Cruz, um dos Conegos mais intimos do Santo disse-lhe, abraçado a elle, debulhado em lagrimas:—Vae, que has de ser Santo!—ao que elle respondeu:—Pois se d'isso houveres nova louva muito a Deus, meu bom irmão—. E no mez de julho de 1220 vestiu o burel franciscano, trocou o seu fidalgo nome de Fernando pelo vulgar nome de Antonio, e poucos mezes depois embarcou para a Africa. Assim o diz o já citado Paere Azevedo. Com Santo Antonio foi frei Philippe.

—A quem e a onde se dirigiu?—

As chronicas contemporaneas não o dizem claramente, mas quasi auctorizam que se diga que se dirigira, que fora recebido em Africa por a inicial comunidade franciscana ali estabelecida apesar dos serracenos pelos muitos christãos que lá demoravam.

E assim que chegou, gravemente adoeceu, e doente ficou todo o inverno. E mais se induz das referidas chronicas que os superiores, da doença certificados por frei Philippe, obrigassem Santo Antonio a repatriar-se. Porem o barco que o trans-

portava foi por contrarios ventos arrojado ás costas sicilianas, em Taormina.

## IV

Um dos periodos mais agitados da medievalidade europeia foi certamente o da formação das Communas, que tanto sangue custou ao povo nas suas luctas com o Imperio, com o feudalismo, e com os demais prepotentes.

Veio finalmente a paz de Constança, as regalias populares principiaram a sua vida.

Mas os poderosos continuaram ainda aqui e ali essa lucta, e não menos a fizeram reviver aquelles que pela sua riqueza, pela sua importancia pessoal, pelos seus manejos da politica de campanario tiveram ensejo de ambicionar o despotismo.

Os seguintes versos do Dante dão-nos uma boa synthese do estado da Europa oriental do predicto periodo:

«Chè le terre d'Italia tutte piene  
«Son di tirani, ed un Marcel divente  
«Ogni villan che parteggiando viene

A heresia invadira toda a Europa oriental, mormente a Provença, a Italia e a Germania, alcançando-se imperativa, aliada com a politica, até na propria Roma.

Os Pápas Innocencio III, Onorio III, e Gregorio IX, bem ou mal avisado, intentaram vencel-a pelos meios fortes...

As luctas sangrentas em que o báculo e a estola salpicados de sangue por lá se desvirtuaram, teriam cavado profundos abysmos entre os povos e a igreja romana, entre o pastor e a grei, se a Providencia não suscitasse a ponto a evolução franciscana. É certamente a esta evolução, que reconciliou o pastor com a grei, o alto clero com o povo, que Roma deve o não levar a reforma na Italia e na França o caminho que ella depois seguiu na Germania e na Inglaterra. Emquanto estas foram para a heresia, permaneceram aquellas no catholicismo romano.

No tempo de Santo Antonio o acume da lucta ia quasi no seu zenith.

A politica romana e a imperial, que deviam irmanar-se, inimistaram-se. Guelphos e Ghibellinos sangueiravam a Italia.

Pataros, cataros e valdenses, com Raymundo IV; prelados, pastores, ecclesiasticos, com Simão de Monforte, dilaceravam França.

Velhos odios de raça e novos fanatismos de seita, largas ambições de classes, ambições e affazeres de direitos adquiridos, tudo isto mais ou menos levado para os *tribunaes* da força, para os campos da batalha; e sobretudo uma desmoralisação infrene desde o lar mais santo até ao publico mais respeitavel,—tal era o estado das coisas civicas e religiosas, no tempo e nos logares que Santo Antonio tinha de percorrer, de apostolar, impulsando como elle impulsou a evolução salvadora que o vidente de Assis sonhou e iniciou, e o forte de Lisboa estabeleceu e radicou.

Era a paz e o amor e a concordia em campo postos contra a guerra e os odios e a intriga politica. Era Francisco de Assis e Antonio de Lisboa defrontando-se com Frederico II e Ezzellino, era a lucta do bem com o mal — a eterna lucta...

Antonio d'Obidos.

## OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 596)

## XIV

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE E ARCHIVOS  
DE COIMBRA

Na bibliotheca da Universidade de Coimbra, encontram-se alguns manuscritos illuminados (1).

De entre elles destacamos os seguintes por serem os mais notaveis, segundo o nosso modo de ver artistico:

**Biblia sacra.** Tres magnificos codices do seculo XII, formato maximo, encadernados em carneira vermelha, dourados por folhas.

A inicial D, no primeiro volume, illuminada sobre ouro, tem no meio figura de S. Jeronymo por este volume abrir com uma carta d'esse santo.

No principio, ha uma grande e larga tarja verti-

cal, da forma de um I, representando a arvore de Jessé, os ascendentes de Christo. Em baixo, deitado, está Jessé dormindo com a cara encostada á mão direita, e successivamente se vêem quatro descendentes varões e dois femeas, e por ultimo uma pombinha representando, talvez, Christo. As posições e os rostos das primeiras figuras é igual, as segundas variam em tudo. O desenho dos ornamentos em que se apoiam e d'onde nascem os bustos é cuidado e o colorido sobre ouro é o caracteristico dos manuscritos d'esta epoca. A arvore assim constituída parte de Jessé.

A Christo chama-se por vezes o rebento de Jessé, porque este foi o pae do rei David, de quem se considera Jesus ser filho.

Ainda n'este volume se encontram lettras capitales muito curiosas allusivas ao texto, sendo todas notaveis, e como elemento ornamental d'ellas predominam os animaes, entre outras figuras a que não falta correcção.

N'um P inicial representa-se a morte de Saul, é curioso pela cobertura e pelo escudo de guerra. N'um D capital está David com o seu sceptro.

O segundo volume tem no começo uma taboa ou indice de uma certa originalidade.

Algumas das capitales tem aves com cabeças humanas, de mamíferos, etc. O A inicial do Apocalypse é deveras bem feito. Eguamente curioso o A inicial de Paralipomenos.

O desenho dos animaes, a posição e expressão é por vezes de extraordinaria verdade, evidenciando um illuminador dotado de atilada observação.

**Biblia Sacra.** Grosso manuscripto, de mais de quinhentas folhas de finissimo pergaminho, em oitavo grande.

Torna-se notavel pela nitidez da escripta que é muito miuda.

As illuminuras a pouco se limitam, simplesmente o P inicial é illuminado. Tem pouco valor artistico.

Está bem encadernado e dourado por folhas.

Outra **Biblia** Em folio digna de se notar pelo desenho das lettras, que embora só a azul e vermelho, representam, todavia, um trabalho enorme. O I inicial do *Genesis* é extraordinario de trabalho nos seus desenhos. Imagine-se que formado o I por tres largas (cerca de uma pollegada) tarjas verticaes, na do centro o fundo é meio tom azul e que nas dos lados, um tom rosa. Examinando-as á lente, descobre-se que esse tom suave é formado por correctissimos arabescos, com delicadas formas curvilineas, ora enroscando-se em finas volutas, ora estendendo-se em delicadas palmas. E maior difficuldade, o artista metteu de cõr o fundo e não o arabesco que contornava. Como finura é extraordinario e mostra uma tal pericia, firmeza e trabalho assiduo do illuminador, que é pena não se poder saber do manuscripto quem fosse elle. O pergaminho é magnifico, de notavel alvura e grandeza, qualidades que se mantêm uniformes nos seus quinhentos folios. Só com duas côres, azul e vermelho, o artista servindo-se do branco do fundo, o pergaminho, conseguiu não fazer uma lettra semelhante á outra em colorido.

**Vita Patrum Heremitarium.** Manuscripto em folio, de bom pergaminho com grossos caracteres denunciando fins do seculo XV.

As lettras capitales são muito bonitas e apresentam uma certa originalidade de factura. Com quanto a technica do illuminador fosse reduzida, pois que até dá luz nos floreos das lettras em todos os sentidos, é verdade que no matizado dos ornamentos, nas folhas que abraçam as lettras, se mostra original dando uns matizes que imitam relevo.

Este manuscripto está bem encadernado e veiu para a Universidade em 1859, retirado da livraria do convento de Santa Rita dos Agostinhos descalços de Coimbra.

Tem, mesmo, o carimbo d'essa ordem.

**Biblia**, em oitavo. Pergaminho de extrema finura, cerca de quinhentos folios.

Lettra miuda do seculo XV. As illuminuras são delicadas. Na frente da quarta folha ha um I, ao alto do qual se vêem muitas figurinhas (toscas no seu desenho), e que talvez representem a arvore de Jessé invertida, pois que vemos inferiormente Christo crucificado.

Este codice está encadernado em carneira verde, a qual é da primitiva, decerto.

**Biblia Sacra** Manuscripto em folio e em tudo parece copia da pequena biblia antecedente.

Só a lettra é maior, na proporção que este formato permittiu.

**Les livres des Decretales.** Manuscripto em folio, em papel, tres volumes, no principio dos quaes ha uma tarja horizontal e lettras illuminadas. Na tarja está representada uma aula e é curiosa por isso.

(Continúa.)

Estevos Pereira.

\* As chbach., *Geschicht und Portugals zur zeit der Almoraviden und Almoaden*: cap. VI § 1. copia de Lucas de Tuy o seguinte: «... et Miramolinus pro peccatis nostris extitit victor. Erat tunc cum rege barbaro Petrus Ferdinandus de Castella, potentissimus miles cujus consilio Rex barbarus eo tempore se gerebat. Unde notandum est Gothos fere nunquam victos fuisse a barberis nisi Gothorum exulum secum haberent constium et auxilium.

(1) Devemos a facilidade da sua consulta e exame ao sr. Reitor e ao sr. dr. José Maria Rodrigues, illustrados professores da Universidade, os quaes com toda a gentileza nos franquearam e permittiram o exame de tão preciosos codices.

## POESIAS DIVERSAS

TEXTO

AI HELENA!

Ai Helena! de amante e de esposo  
 Já o nome te faz suspirar,  
 Já tua alma singela presente  
 Esse fôgo de amor delicioso  
 Que primeiro nos faz palpar!...  
 Oh! não vás, donzella innocente,  
 Não te vás a esse enganno entregar;  
 É amor que te illude e te mente,  
 É' amor que te hade matar!  
 Quando o sol n'estes montes desertos  
 Deixa a luz derradeira apagar,  
 Com as trevas de noite que espanta  
 Vêem os anjos do inferno, encubertos  
 A sua victima incauta affagar,  
 Dôce é a voz que adormece e quebranta,  
 Mas a mão do traidor... faz gelar.  
 Treme, fuge do amor que te incanta;  
 É' amor que te hade matar.

Garrett.

BELLEZA IMPERECEDORA

Dios concedio á la rosa  
 Grato color y embriagadora essencia,  
 Y lá hizo imágen de la niña hermosa  
 Ornada de innocencia.

El tiempo la frescura  
 De la purpúrea flor roba en su vuelo,  
 Mas su fragancia nó, que eterna dura,  
 Y elévase hasta el cielo

Tu éres, gallarda joven,  
 Cabal retrato de la rosa bella;  
 Que tu aroma jamás los años roben,  
 Vive immortal, cual ella!

D. Antonia Dias de Lamarque.

(do Livro — *Flôres Marchitas*, vol. 1<sup>o</sup>).

A CASA DO CORAÇÃO

O coração tem dois quartos...  
 N'elles moram, sem se vêr,  
 N'um a Dôr, n'outro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto  
 Acorda cheio de ardor,  
 No seu adormece a Dôr.

Cuidado, Prazer! cautella...  
 Falla e ri mais devagar,  
 Não va a Dôr acordar.

Anthero de Quental.

LA SOBÉRBIA Y LA HUMILDAD

— A'breme paso — sañudo,  
 Dijo á la peña el torriente;  
 Y por bendirla, rugiente,  
 Sus ondas precepitó.

Cayo en rapida cascada,  
 Cresció su fiereza loca;  
 Mas nada alcanzó: la roca  
 Imutable apareció.

En pos, humilde arroyuelo  
 Lento llegó, sussurrando,  
 E igual bien, con eco blando,  
 Osó al peñon demandar.

Y gota á gota, cual lagrimas,  
 Cayendo en la piedra dura,  
 Consiguió su linfa pura  
 El rudo escollo horadar.

— Rechacé el audaz torriente —  
 La hendida peña decia,  
 Quien cobarde accederia  
 A su odiosa hostilidad?

Mas del arroyuelo humilde  
 Las suplicas me avassalan —  
 Que distinta suerte hallan  
 La soberbia y la humildad!

D. Antonia Dias Lamarque.

(Do Livro — *Aves y Flores*.)

VERSIONE

AHI E'LENA!

Ah! mia cara! di amante e di sposo  
 Già il bel nome ti fa palpar,  
 Già il tuo candido core presente  
 Quell' incendio d'amor delizioso  
 Che improvviso ci fa palpar!...  
 Non lasciarti, o donzella innocente  
 Da un inganno cotanto ammaliar;  
 E' amor falso che illude la mente,  
 E' un amor che a te morte può dar!  
 Quando il sol nei tuoi monti deserti  
 Lascia l'ultima luce smorzar,  
 Nell' orror della notte sospetta  
 Vengon gli Angeli Inferni, coperti,  
 La lor vittima incauta a tentar,  
 Voce han dolce che assonna e diletta,  
 Ma deli empio la man... fa gelar.  
 Treme, fuggi l'amor che ti aletta:  
 E' un amor che a te morte può dar.

BELLEZZA IMMORTALE

Dio concedé alla rosa  
 Vago colore e deliziosa essenza,  
 La fé imago di vergine vezzosa  
 Ornata d'innocenza.

Col tempo, la vivezza  
 Del porporino fior si sciupa e avvizza,  
 Mia già l'aroma suo, che sempre olezza,  
 E fino al ciel si drizza.

Tu sei, gentil signora,  
 Fedél ritratto della rosa bella;  
 Duri cogli anni il tuo profumo ognora:  
 Vivi immortal, come ella!

LA CASA DEL CUOR

Due sale ha il core, e in esse occulti stanno,  
 Senza potersi mai fra sé vedér,  
 In una il Duolo, e nell' altra il Piacer.

Quando nella sua camera il Piacere  
 Si sveglia pien di vita e buono umor,  
 Nella camera sua dorme il Dolor.

Cautela, Piacer mio! gran precauzion...  
 Fa di pian piano ridere e parlar,  
 Ché altrimenti il Dolor si può svegliar.

LA SUPERBIA E L'HUMITTÀ

— Lásciami passar — dicea  
 Alla rupe altier torrente;  
 E per fenderla, ruggente,  
 L'onda sua precepitó.

Cadde in rápida cascata,  
 Crebbe allor sua audacia sciocca:  
 Ma fa invan: perché la rocca  
 Immutabile restó.

Poscia un umile ruscello  
 Ginose lento, sussurrando,  
 E alla rupe equal dimando  
 Con bei modi seppe far.

E cadendo goccia a goccia,  
 Como lagrima, sul sasso,  
 Conseguí di aprirsi il passo,  
 E la rupe perforar.

— Respinto ho il torrente audace —  
 Disse allor lo scoglio fesso,  
 E qual vile avrebbe ammesso  
 Tale orgoglio e ostilitá?

Ma dell' iunil ruscelletto  
 Io le suppliche ascoltai —  
 Qual diversa sorte han mai  
 La superbia e l' umiltá!

Prospero Peragallo.

SÉ DE LISBOA

(Continuadodo numero anterior)

Ao longo do lanço primeiro dos dois que ainda existem do claustro ha varias capellas. Vejamos-as:

1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Capellas. — Segundo Carvalho da Costa a primeira era de S. João Evangelista, e a segunda de S. Lourenço. Ambas servem hoje de arrecadação de paramentos; por cima da verga do arco da segunda lê-se: *Os irmãos da irmandade do M. S. L.<sup>o</sup> mandarão reedificar a sua custa esta capella e fazer todas as obras della no anno de 1631.*

3.<sup>a</sup> Capella. — A terceira tem ainda culto; é da invocação da Senhora de Belem. Tem por cima: *A irmandade de N. S. de Belem e S. Nicolau mandou reedificar esta capella e fazer todas as obras della á sua custa no anno de 1634*

4.<sup>a</sup> Capella. — A quarta pertence ainda ao Senhor Jesus da Boa Sentença. Tem porta gradeada e muito doirada.

Esta imagem é de grande devoção. E' raro não encontrar alguém orando junto ás grades da porta.

Junto d'esta capella do Senhor Jesus da Boa Sentença havia sepulturas que já lá não vejo, e entre ellas uma com este letreiro:

AQUI JAZ SEB.<sup>mo</sup> VAZ BENE-  
 FICIADO NESTA SÉ. FALLECEO A  
 12 DE ABRIL DE 1584.

Defronte da mesma capella outra sepultura que dizia:

AQUI JAZ O D.<sup>o</sup> DE MOURÃO  
 PIDE DE ESMOLA UM PATET  
 NOSTER. FALLECEO A 20 DE  
 M.<sup>o</sup> DE 1575. 2

A inscripção que lá vejo ainda, no chão, mesmo adiante da porta, é esta:

... P.<sup>o</sup> SIMÃO DE FRA  
 NCA NATVRAL DE  
 SANTAREM QUE  
 MANDOV FAZER  
 ESTE LAGEAM.<sup>to</sup>  
 IAZ AQUI POR SVA  
 ALMA... PADRE  
 NOSSO

5.<sup>a</sup> Capella. — A quinta, hoje profanada, tem esta inscripção: *Capella do glorioso Sancto Antonio de Padua. Foi feita em Fever.<sup>o</sup> no anno de 1652.*

6.<sup>a</sup> Capella. — A sexta, tambem sem culto, diz assim: *Capella de Nossa Senhora da Tocha. Foi feita em Fever.<sup>o</sup> no anno de 1652*

7.<sup>a</sup> Capella. — A setima capella, segundo Carvalho da Costa, era de Sancto Aleixo. Ainda é, mas está profanada. Pouco vale, creio eu.

8.<sup>a</sup> Capella. — A oitava capella é de S. Miguel. Não está profanada, mas sim n'um desamparo medonho. Tem mosaico florentino, e dois quadros antigos, cujo merecimento não posso apreciar.

Defronte da mesma capella de S. Miguel, entre as sepulturas dos pobres, via-se a do arcebispo D. João de Sousa (1703 a 1710), o qual se mandara enterrar junto á proxima capella de Nossa Senhora da Piedade da terra solta, sem letreiro algum. Hoje não ha ahi sepulturas.

Entre esta capella de Sancto Aleixo e a de S. Miguel, lê-se na parede o padrão seguinte.

ESTAS VINTE SEPULTVRAS MANDOV FAZER  
 O CONIGO IOÃO FALCÃO DE SOV.A PERA NEL  
 LAS SE ENTERRAREM OS POBRES DESEMPARA  
 DOS DESTA FREGVEZIA DA SEE E LHE DEIXOV DES  
 MIL REIS DE IVIRO NO SENADO DA CAMARA DES  
 TA CIDADE PERA DELLES SE PAGAR O COVEIRO  
 Q ABRIK AS SEPULTVRAS E SE DIZEREM TRINTA  
 MISSAS GADA ANNO NO OYTVAVIO DOS SANTOS  
 PELLAS ALMAS DESTES POBRES DEZEMPARA-  
 DOS E O VEAD R DAS OBRAS DESTA SANTA SEE  
 COBRA ESTE IVRO E HE OBRIGADO PELA ESCRI-  
 TVRA Q SE FES COM O DITO CONIGO JOAÕ PAL-  
 CÃO DE SOVZA A PAGAR AS COVAGES E MANDAR  
 DIZER AS TRINTA MISSAS A ESCRITVRA ESTA NO  
 CARTORIO DO R.<sup>do</sup> CABIDO E OYTRO TRESLADO TEM  
 OS IMAOS DE S.<sup>to</sup> ALEIXO AVBELIO DE MIRANDA  
 TABALIAO DO SENADO DA CAMARA FES ESTA ESCRITVRA  
 PEDESE VM PADRE NOSSO E AVE MARIA  
 PELAS ALMAS DESTES POBRES DEZEPARADOS

9.<sup>a</sup> Capella. — A oitava capella segundo Carvalho, e segundo Villela (hoje nona), era da Senhora da Piedade, com irmandade de calafates. Ahi jazia o cardeal, 10.<sup>o</sup> arcebispo D. Luiz de Sousa,

\* Mem. mss. da bibl. nac. de Lisboa—A—4—5—fl. 4.

filho do conde de Miranda, e fallecido em 5 de janeiro de 1701. Tinha sepultura rasa, onde apenas quiz que lhe escrevessem estas singelas e tocantes palavras referidas á Virgem :

SUB TUUM PRÆSIDIUM <sup>1</sup>.

Era este prelado um veneravel e sancto velho, muito bom e muito digno, e além de tudo animo grande, e dedicado beneficiador da sua sé.

A capella de que tratamos chamou-se tambem da Terra solta, segundo Carvalho e outros, e tambem dos Bispos, porque os prelados tinham ahi tribuna especial. O terremoto de 1755 arruinou immenso todo este recinto, e ficando tudo cheio de entulho, assim se tem conservado até ao presente, dizia em 1819 o autor do Gabinete historico <sup>2</sup>. Podemos tomar por nossas essas palavras. No anno actual ainda se conserva a mesma ruina; mas (conforme escreveu o citado frei Claudio) mandando um antigo beneficiado, João Mauricio da Cruz Pombeiro, delegado do fabricante da egreja, desentulhar o chão, encontrou a pedra negra que recobria a sepultura do arcebispo D. Luiz. Deu-se com o caixão inteiro e bem conservado, mas ficou tudo como estava. Lá se vê ainda a pedra em pedaços.

Ahi entrei, e fiquei desanimado. Ha dinheiro para tudo, menos para o restauro sensato dos monumentos. A capella dos Bispos dá indicios de muita antiguidade, com quanto o seu altar-mór seja moderno, fim do seculo XVII. Tudo negro de fumo, estallado, arruinado, perdido! Umás raras janellas lateraes dão sobre o Quebra-costas. Ha a vestigios de um côro alto em frente do altar. Percebe-se que tudo ali antigamente foi cuidado, alinhado, e esplendor. Agora o aspecto feroz e decadente d'aquelle recinto chega a gelar a contrição nos seios d'alma.

Ao fundo d'este segundo lanço do claustro, hoje infelizmente interceptado por um ignobil diaphragma de tabique, existe uma capella antiquissima, que não vi mencionada em livro algum, e onde só por acaso penetrei, difficuldade maior que a de descobrir as nascentes do Nilo. Dei o trabalho por bem empregado. Nu e triste como se encontra esse recinto, vale muito, pois se acha pouco mais ou menos intacto, e contem n'uma veneranda lapide a historia completa da fundação. Eis esse magnifico letreiro. Tirei d'ella um calco e decifrei-o, auxiliado pelo meu amigo o dr. Xavier da Cunha, a quem pertencem (confesso as honras da victoria.

(Continúa).

JULIO DE CASTILHO.



Recebemos e agradecemos :

Memoire, sur un poisson des grands profondeurs de l'Atlantique — le *Saccopharynx ampullaceus* et observations sur l'*Halargyreus Johnsoni* par Albert Alexandre Girard. Lisbonne, Imprimerie Nationale, Mai 1895.

Recebemos este notavel trabalho do sabio academico. N'um paiz como o nosso todos os estudos acerca da fauna maritima tem grande valor para a sciencia.

Por isso esta contribuição do illustre naturalis-

Vem primoroso este numero da apreciavel revista: abre com um magnifico retrato de João Correia Ayres de Campos, socio honorario do Instituto, já fallecido e a quem essa agremiação muito deve.

Foi para commemorar o quarto anniversario da morte do erudito cidadão que o Instituto realisou uma sessão solemne cujo discurso de abertura e elogio foi proferido pelo sr. Antonio Vasconcellos e agora é publicado no «Instituto.» Acompanha este trabalho um artigo antigo de Ayres de Campos: *Um auto de fé*, escripto curioso e erudito e em que se revela a indole do escriptor que o traçou.

Ayres de Campos foi um trabalhador erudito de cujos trabalhos ha bastante a aproveitar.

Revista Moderna, semanario illustrado, n.º 10 a 19. Lisboa.

Mal nos descuidámos de noticiar aos nossos leitores o apparecimento de um novo numero d'esta graciosa revista logo temos que fazel-o a respeito de muitos numeros; isto prova a regularidade com que esta publicação tem sahido. Todos os numeros são egualmente curiosos e deixam vê a direcção acertada e selecta do nosso amigo sr. Emydio Monteiro.

Arte Portuguesa. Revista Illustrada de archeologia e arte moderna. Abril de 1895. Anno I. N.º 4.

O presente numero excede ainda os anteriores em relação de illustrações e assumptos. Insere magnificos artigos de A. Gonçalves, Gabriel Pereira, Sousa Viterbo, Pin-Sel (pseudonymo de um distincto escriptor e artista) Luciano Cordeiro, Zacharias d'Aça, José Pessanha. A parte illustrada é egualmente notavel.

Portugal Agricola. Temos recebido este periodico cuja direcção e propriedade pertence ao sr. João Achilles Ripamonti, um distincto agronomo. Esta publicação conta já seis annos de existencia o que falla mais

alto do que tudo que possamos dizer. Os numeros presentes encerram artigos de valor.

### Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

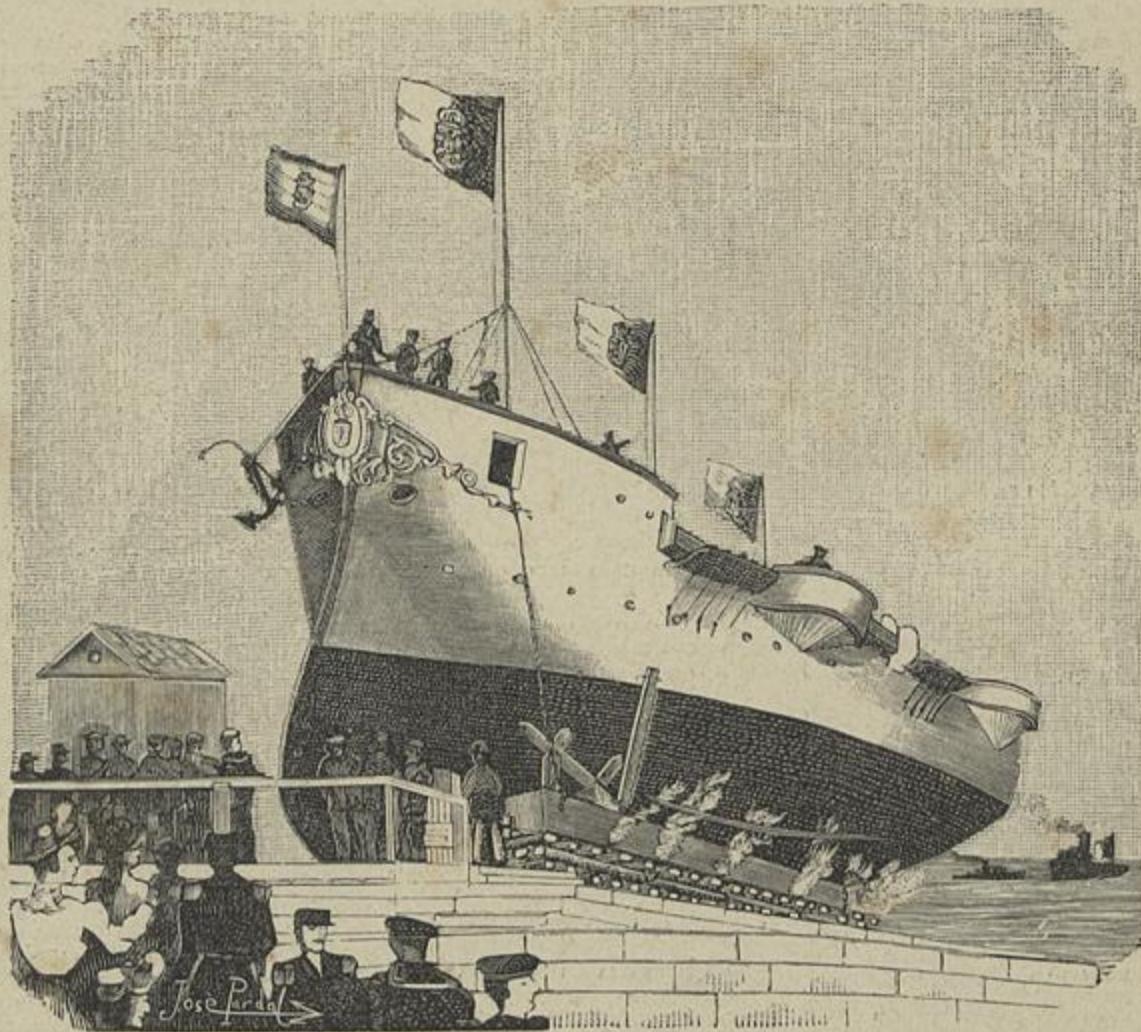
Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras. Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente. Ha um resto do almanach de 1895 que se vende. Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 27



LANÇAMENTO AO MAR DA CANNONEIRA «D. LUIZ» — EM 22 DE JUNHO DE 1895

(Desenho do sr. José Pardal)

ta sr. Alberto Girard é honrosa para si e para nós. São tão abundantes as especies maritimas nas aguas territoriaes de Portugal que não é para admirar ser ainda grande o numero de aquellas que por ora não estão bem estudadas.

O peixe de que se occupa a presente memoria é um curiosissimo exemplar dos habitantes das grandes profundidades do Oceano Atlantico.

Dentro d'elle foi encontrado outro, o *Halargyreus*. Este peixe engulido pelo *Saccopharynx* tambem mereceu ao sr. Girard importantes observações.

Acompanham o texto d'esta memoria tres grandes estampas em que se apresentam os dois peixes, e varias das suas partes.

A critica dos entendidos tem sido, para com este trabalho, em extremo lisongeira o que prova o valor d'elle e a competencia do seu auctor.

O Instituto, revista scientifica e litteraria, volume XLII N.º 6 — Junho de 1895. Coimbra. Imprensa Nacional.

<sup>1</sup> Mem. mss. da bibl. nac. de Lisboa—A—4—5—fl. 41.  
<sup>2</sup> Hist. gen., t. XII, p. 1, pag. 542, e p. II pag. 855.  
<sup>3</sup> T. v, pag. 80, 81, e 82.